

Assine a Enclave, nossa newsletter,
acessando <jornalrelevo.tumblr.com>

Editorial

Um jornal de papel, quando não é mantido por um órgão público, sobrevive, basicamente, de oito formas:

1. Da renda de assinantes, que pagam um valor regular para acessar determinado conteúdo online, receber o jornal em casa ou em outro local destinado;
2. Da renda de anunciantes privados, que investem um valor regular para ter a marca difundida;
3. Da renda de anunciantes públicos, que destinam uma parte do dinheiro do contribuinte para fins nunca muito bem definidos;
4. Da venda do exemplar em bancas, livrarias e demais estabelecimentos;
5. Da venda de produtos ligados à marca;
6. Do rateio de custos entre seus componentes;
7. Da contribuição espontânea de agentes culturais, que acreditam na relevância do projeto e em sua importância social;
8. Da renda de seus proprietários, que, alheios aos itens anteriores, detém dinheiro e poder para fazer circular um periódico deficitário.

Nós, do **RelevO**, em quase sete anos de circulação, sobrevivemos regularmente da renda de assinantes (60%) e anunciantes privados (40%). Por questões ideológicas, nunca buscamos ou aceitamos dinheiro público. Optamos pela gratuidade por acreditar que precisamos de todos os leitores possíveis e por entender

que mudaram as dinâmicas entre o consumidor de jornal de papel e o seu tempo. Não descartamos a renda de assinantes e anunciantes porque, naturalmente, não somos ricos – um jornal de literatura não produz o poder aparente que interessa àqueles que não precisam mais de dinheiro. Não podemos operar no vermelho.

Por fim, estamos iniciando oficialmente um projeto de distribuição voltado para apoiadores. Nossa ideia consiste em levar o jornal para cidades fora de nossa cobertura. O apoiador auxilia nos custos de distribuição e, em contrapartida, recebe destaque em nossa nova seção de apoiadores, disponível aqui mesmo, na página 2, destaque nos malotes de envio e a possibilidade de distribuir livros de cortesia para nossos assinantes e pontos de distribuição.

Temos, portanto, três ferramentas para continuar em nosso propósito editorial. Quem quiser fazer parte de nossa trajetória, basta entrar em contato conosco. Quem não quiser ou não puder, não há problemas. Tudo é realizado sob a medida do leitor, a razão elementar de nossa existência.

Uma boa leitura a todos.

Erratas

Na edição de janeiro, não creditamos dois tradutores. Ana Lessa-Schmidt traduziu o conto “Só”, de Machado de Assis, juntamente com Greicy Bellin. Também o texto “Escritora-Escritora”, de Julia Raiz, em português e espanhol, conta com a tradução de María de El Salvador. Falha de comunicação, falha nossa.

“Como faz?”

Escreva para contato@jornalrelevo.com e assine o impresso independente que mais faz a cabeça da galera!

E, em tempos hiperconectados:

[instagram.com/jornalrelevo](https://www.instagram.com/jornalrelevo)

[facebook.com/jornal.relevo](https://www.facebook.com/jornal.relevo)

twitter.com/jornalrelevo

Quem mais

Todas as imagens dessa edição são da Elaine Stankiewich (do *Paisagem-lugar*, que está na p. 15), exceto a foto da p. 8, de autoria de Guilherme Hummelgen.

Apoiadores

Alexandre Guarnieri (Rio de Janeiro)
Ben-Hur Demeneck (Ponta Grossa)
Severo Brudzinski (Curitiba)

Publique

Para publicar no jornal mais cardinal do Brasil, basta nos escrever por aqui: contato@jornalrelevo.com. O editor recebe o texto em (e de) qualquer gênero, acende um charuto cubano emprestado, lê em voz alta enquanto ouve uma opereta de temas trágicos e retorna ao escritor e escritora em todas as situações, conforme o Estatuto RelevO de boa convivência com o meio literário.

Quem

Editor Daniel Zanella

Editor-assistente Mateus Ribeirete

Ombudsman Gutemberg Medeiros

Revisão Mateus Senna

Projeto Gráfico Marceli Mengarda

Logística Thaís Tavares

Redes Sociais Felipe Gollnick

Impressão Gráfica Exceuni

Tiragem 3.500

Edição finalizada em 31/01/17

Quanto

Assinantes: R\$ 120 Zé do MPC; R\$ 100 Consolação Buzelin; Eder Alex; R\$ 50 Guilherme Custódio; Julia Raiz; Roberto Gomes; César Carvalho; Daniel Montoya; Silvio Reis; Pedro Lemos; Cezar Tridapalli; André Tezza; Jeferson Torres; Filipe Rangel; Matheus Chequim; Alvaro Posselt; Vítor de Lerbo; Conceição Campos; Guilherme Bucco; Murilo Lense; Rômulo Candal; Osvaldo Rodrigues; Giovanni Kurz; Lucas Leite; Jacqueline Carteri; José Arildo Vieira; Carlyle Popp; Pilar Bu; Daniel Castro; R\$ 25 Bruno Molinero (total: R\$ 1.645)

Anunciantes: R\$ 200 Carlos Pessoa Rosa; Editora Patuá; R\$ 50 Avon; Ehlkefarma; Loterias Avenida; Fisk; Estação Brasil (total: R\$ 650)

Gráfica: R\$ 1.100

Distribuição: R\$ 250

Assinantes: R\$ 500

Papelaria: R\$ 100

Custos totais: R\$ 1.950

Receita total: R\$ 2.295

Balanco de fev. 2017: R\$ 345

Cartas do Leitor

OPERAÇÃO COUCOU

Cristina Bresser: Amei a edição de fevereiro do **RelevO**. Nem fiquei triste do meu conto “a mar” ter sido transferido para março, por causa da tradução do conto do Machado de Assis. Achei a tradução excelente. Fiquei em dúvida com relação à tradução do Le cocou e por isso te escrevo: “Voici venir le mois de juin, c’est du bon temps pour le Bédouins, j’écoute chanter le cocou” (no jornal está “Veja que maio então chegou...”) e a tradução, pelo que eu sei de francês (eu falo francês, mas não sou poeta, bem entendido) seria: “Aí vem o mês de junho, é uma boa hora para os beduínos, ouço cantar o cocou”. Foi proposital a mudança do poema original? Não posso deixar de te dizer que eu AMEI “How to talk poetry”, do Leonard Cohen. Não li a tradução porque prefiro o original quando entendo. Achei fantástico. Tão sensato.

Nota do tradutor: Visando mais do que uma tradução literal do poema, optei por realizar o que se poderia chamar de transcrição, procurando reconstituir em português os efeitos poéticos que o poema tem em francês e o seu “sistema de signos”, como diria Haroldo de Campos. No poema em questão há um ritmo predominantemente iâmbico

(alternância entre sílabas fracas e fortes), o qual procurei manter em português. Este foi um dos principais motivos de verter “coucou” por “chupim”, vocábulo oxítono como no original e que se refere a um pássaro de nossa fauna, com hábitos semelhantes ao do cuco. Quanto ao mês de junho que virou maio, lembro que, apesar de “infantis”, estes poemas de Desnos portam críticas veladas à política francesa dos anos 1940. Assim, procurando manter sua atualidade e poder de fogo crítico, “junho” – mês em que a França assina sua rendição à Alemanha – tornou-se “maio” – mês em que Michel Temer assume interinamente à presidência do país. No mais, só tenho a agradecer pela sua curiosidade: é sempre bacana ter uma oportunidade para tagarelar sobre aquilo que se gosta. Há braços abertos!

DA ARTE DE PROCRASTINAR

João Henrique Balbinot: Ler jornal é sempre um tanto quanto regressivo. Mas a alegria de ler o **RelevO** é não precisar pular nervoso pra parte que interessa, folhando intolerâncias, porque tudo é lírica. Adoro resolutividade: mil coisas pra fazer e eu vou passar o dia relendo o jornal. Na literatura, sou desses.

UIA

André Siqueira: Por que tem cada vez menos fotografia no jornal? Parece que vocês não gostam mesmo.

Da redação: André, temos umas questões particulares com a fotografia. Primeiramente, quando a fotografia não

é em P&B, ela já perde em significado no nosso papel. Depois, temos as questões de saturação e do formato quadrado do material - não podemos sair recortando imagens. Por fim, geralmente o traço de ilustrador deixa-nos mais à vontade para diagramar e espalhar o conteúdo pelo jornal. Mas isso tudo não exatamente impede que utilizemos colaborações de fotógrafos.

MA TCHÊ!

Dan Porto: Um pouco amassado, mas tenho aqui o **RelevO** de fevereiro. E cada vez melhor.

Da redação: Pô, foi mal, Dan, por enviar o jornal amassado. De duas, uma: ou foi coisa nostra na hora de embalar ou os descaminhos de entrega colaboraram para o sinistro. Vamos buscar fazer isso não acontecer mais.

Silvio Reis: Por favor, respondam minha pergunta inbox. Ainda não recebi o jornal. Obrigado.

Da redação: Desculpe-nos pela demora na resposta, Silvio. Mas o jornal foi enviado no prazo e recebido com atraso em virtude da colaboração imodesta dos Correios. No fim, a magia aconteceu!

ADEUS, VOU PRA NÃO VOLTAR

Ben-Hur Demeneck: Fechou-se novo ciclo de ombudsman no **RelevO**. Analiso esse momento não pelo que ele tem de importante para o interesse público, para o que ele reforça em termos de transparência na imprensa, mas por sua microfísica, por um gesto afetivo presente em sua recente coluna. O trabalho voluntário,

especialmente no mundo da cultura e do jornalismo, multiplica-se em agruras. No entanto, há momentos bonitos e que nos servem de oxigênio para a “luta brava da cidade”. Estou aqui emocionado com as palavras que o mestre Silvio Demétrio me dedicou na coluna de fevereiro. Silvio é desses professores marcantes na vida de um aluno e é também intelectual inspirador. Quando deixou de ser meu professor, permaneceu inspiração de coragem intelectual e de cultura. Com o tempo, nós nos tornamos amigos, inclusive compartilhando paixões variadas - desde contracultura a aves canoras. Ao ler a sua despedida da coluna de ombudsman, faço coro ao seu argumento de que só cresce a importância da literatura à medida em que a turbulência de nossos tempos se acentua. A capacidade de promover a empatia com o que se difere de nós, que a literatura nos faz praticar, é assinalada por Demétrio. Ligo meus holofotes para tal afirmação e a replico para o mundo: mais literatura, por favor! Obrigado pelas palavras, Silvio. Não bastasse a sua coragem intelectual, você emociona por sua generosidade. Um desses sinais está em indicar o Gutemberg Medeiros. Mais uma vez distribui “flores que colhe no ar”, tal como nos enuncia Jorge Ben sobre a figura do filósofo. Vida longa ao jornalista-intelectual do metajornalismo e de tantas plagas. Evoé, Daniel. Evoé, Silvio. Evoé, Gutemberg. Evoé, praticantes do jornalismo bacante. Força e alegria para todos nós. Avante!

Nigredo (Fragmento)

Vinícius Lima

1.

traga-me a palavra
que não se traga
repetia três vezes
e batia no peito
o martelo de estanho

cem sóis
calcinados na boca
em erupção
intra-uterina
de leve
sulco-mão-embrionária

perfurando a agulha
o hímem sou
o sêmen enterrado
no ânus de adão

Moscas mascam
Gordura seu resto
Beber nesta gárgula
o magma da pele
Na lepra da pele
deita dentro de mim
a serpente de cem cabeças
ó tifão
o barro veda boca cicatriz
mandíbula
racha empinada
no seu dedo rochedo
cacete vermelho
das veias saltadas
línguas negras
lambendo estrelas
tranca deus
em caverna-masmorra
carvão em brasa
que derrete montanhas

(Trecho de *Nigredo – Começa*
Aqui a Morada do Fogo, Editora
Madrepérola, 2016)

Lima Barreto e o mito

Ombudsman • Gutemberg Medeiros

Em 2013, houve um movimento em redes sociais propondo Lima Barreto para ser o homenageado da FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty). Logo surgiram manifestações, algumas violentas, contra essa proposta, pois seria sujar a memória do escritor. As alegações eram de que ele era o maldito em sua época, uma espécie de outsider assumido sempre a lutar contra os espaços legitimados nas esferas literárias e jornalísticas.

Na época, manifestei-me contra esse tipo de coisa, parte dos mitos criados em torno de Lima – e tanto há quem goste de tecer para outros como Patrícia Galvão, Nelson Rodrigues e Hilda Hilst. Não precisa ser “especialista” em Lima para saber o que é mito ou não. Para tanto, basta recorrer à biografia do escritor realizada por Francisco de Assis Barbosa, publicada em 1952, e ainda uma das referências sobre o autor de “Clara dos Anjos”.

Tudo bem, em 1907, Lima lança com amigos e escritores a revista Floreal e durou apenas quatro números, mas o autor já era um homem marcado, pelo menos incompatibilizado com grande número de influentes jornalistas e escritores. Como se não bastasse a ácida leitura do mundo jornalístico em “Memórias do escrivão Isaías Caminha”. Mas isso por uma parcela desse universo, não pela maioria dos seus colegas. Inclusive, fazia ponto na Confeitaria Colombo na mesma mesa de Olavo Bilac, já considerado o Príncipe dos Poetas e cronista dos mais valorados.

Lima passou por variedade extensa de revistas e jornais, recomendado por amigos de profissão. Desde menores como ABC até a Gazeta de Notícias, um dos mais importantes jornais diários da 1ª República. Poderia ter publicado mais e não o

fez, basicamente, por dois aspectos de sua vida pessoal. Primeiro, enquanto trabalhou no então Ministério da Guerra. Como arrimo de família, não poderia se arriscar a ser exonerado por algum artigo ou crônica ácida. Cedo se aposentou. O outro fator a atrapalhar a sua produção foi o alcoolismo. Tão considerado era a ponto de ter sido convidado a participar como colaborador da primeira revista modernista nacional, a Klaxon, e se recusou por julgar Mário de Andrade e companhia um bando nada sério de seguidores do futurismo italiano.

Por outro lado, buscou se integrar ao meio literário, como ingressar na Academia dos Novos (1911) e na Sociedade dos Homens de Letras (1914). Como se não bastasse, Lima quase se candidatou à Academia Brasileira de Letras em três ocasiões – em 1918, 1919 e 1922, ano de sua morte, na vaga de João do Rio, quando formalizou o pedido de inscrição, mas acabou desistindo. Logo, pode-se garantir que ficaria muito feliz se fosse convidado para a FLIP. Finalmente sua hora chegou em um evento cuja importância é inquestionável e todo e qualquer reconhecimento de sua obra é fundamental, pois continua tendo o destino de outros grandes autores, como Dostoiévski: muito citado e pouco lido. Pois que se descubra o continente Lima Barreto.

Ainda na questão de ser “maldito”, isso só é verdade em parte, no que diz respeito às poucas vezes que obras suas ganharam a chamada perenidade do livro. A maioria só foi publicada na década de 1950 pela Editora Brasiliense e graças, novamente, aos esforços de Francisco de Assis Barbosa. Porém, foi jornalista dos mais reconhecidos em seu tempo. Como outros escritores e jornalistas brasileiros, exerceu forte e frequente crítica aos

rumos da imprensa. O que chamo de metajornalismo, quando a imprensa vira pauta de si mesma. Ou seja, espécie de ombudsman antes dessa categoria ter sido criada. Para ficar apenas em seus contemporâneos, João do Rio e Medeiros de Albuquerque também ocuparam esse lugar de crítica.

Tomara que, a partir da FLIP, a sua produção no geral, e a jornalística em especial, seja retomada. Um exemplo dos mais felizes foi publicado ano passado com a coletânea de inéditos em livro “Sátiras e subversões”, organizada por Felipe Botelho Corrêa (Penguin & Companhia das Letras). Na seleta, textos publicados nas revistas ilustradas mais renomadas do princípio do século no Rio de Janeiro, Careta e Fon-Fon. Um estudo revelador sobre o escritor é João Antônio, leitor de Lima Barreto, de Clara Ávila Ornellas (Edusp), especialmente ao provar com densa pesquisa como ambos seguiram na trilha do pensamento articulado por Leon Tolstói.

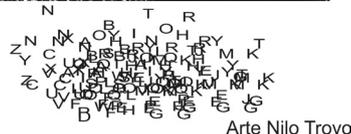
Manuel Bandeira escreveu que Lima traz o gosto da nossa vida, muitas vezes amargo, mas ainda vital para melhor nos compreendermos. Em tempo: Evoé!, caro professor Silvio Demétrio.

Nota do editor: Esta é a primeira coluna de Gutemberg Medeiros. Ele é jornalista e pesquisador. Cursou Mestrado e Doutorado na RCA/USP e cursa pós-doutoramento em Comunicação e Semiótica na PUC-SP. Foi indicado pelo ombudsman antecessor, Silvio Demétrio, e tem mandato de três a nove meses. O editor não interfere no texto acima, exceto em casos de correção ortográfica. Cabe ao ombudsman repercutir erros do jornal, questões internas e, quiçá, escrever sobre o que bem entender no âmbito das críticas das mídias.

sarau da paulista

POETAS OCUPAM A PAULISTA/
 /ESQUINA COM A PEIXOTO GOMIDE
 MICROFONE ABERTO A TODAS AS ARTES
 ÚLTIMO DOMINGO DO MÊS
 QUINZE HORAS
 SARAUDAPAULISTA@GMAIL.COM

(41) 3552-5895 (41) 3552-1542



Arte Nilo Trovo
 NOVO ENDEREÇO:
 RUA CÂNDIDO LOPES, 205, 3.º ANDAR, CONJUNTO 34

PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO
 ARAUCÁRIA-PR



FISK
 CENTRO DE ENSINO
 3642-3690 3031-7040
 R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR



Alan Amorim



A editora completa 4 anos de atividades, contando com mais de 330 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).



Conheça nosso trabalho, acessando www.editorapenalux.com.br e facebook.com/penaluxpenalux.

Para envio de originais:
originais@editorapenalux.com.br



A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com

ADVOCACIA

CONSUMIDOR - CÍVEL - FAMÍLIA
CONTRATOS - TRABALHISTA

Bruno César Deschamps Meirinho
(OAB/PR 48.641)

Rua Antônio Zanon, 1.606, Tatuquara
Curitiba, PR, CEP 81.480-150
(41) 3564-7194 (41) 98440-5050

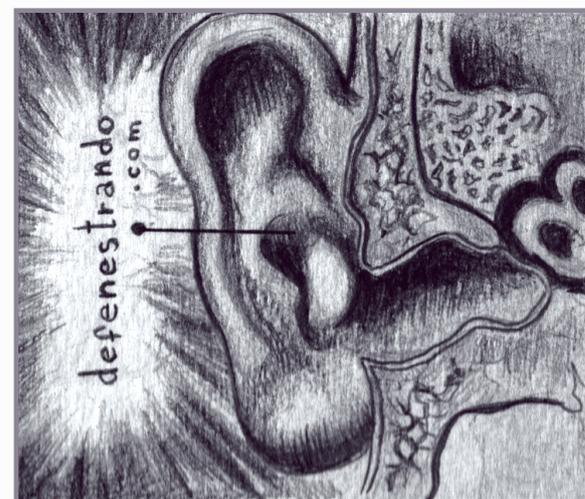


ITALIANO
PARTE
PARA
INICIANTES



TURMA
DIURNA
8 VAGAS
INÍCIO EM MARÇO

ITALIANO PARA INTERESSADOS EM HISTÓRIA DA ARTE
WWW.CORSOBRANCALEONE.COM



APRESENTAÇÃO ARLINDO MAGRÃO
E-PARANÁ AM 630 | DOMINGO - 13H



AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532
ARAUCÁRIA PR | (41) 3643-4881



(41) 3031-2357 (41) 9663-7557



Luiz Otávio Prendin Costa



LIVROS | VINIS

JOAQUIM LIVRARIA & SEBO

RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto



Guilherme Hummelgen

Sertão

Adri Aleixo

As folhas caem
para ancorar
a paisagem



Lucas Perito

Morremos ontem
 Quando você entrou no banho.
 Sempre morremos debaixo d'água
 Sempre morremos no domingo
 Morremos na água.
 – Um rito sagrado
 Da sexta até o domingo
 Percorremos todo o caminho
 E morremos ontem.
 Viveremos doentes
 Até renascermos num sol mexicano
 Mas ontem, morremos.
 Antecipamos o desfile
 De los muertos –
 E carregaremos até o Caribe
 Um eclipse
 “no mais suave crepúsculo das coisas”

Coletivo de gente

Donny Correia

eu podia estar matando
 eu podia estar roubando
 mas estou aqui gastando letras
 na farmácia dos inúteis letrados
 que se prestaram ao remédio
 não prescrito aos que vieram ao mundo
 sem serem perguntados
 se sim ou se não

Do livro *Zero nas veias* (Patuá, 2015)

Literatura de Refúgio

O Literatura de Refúgio é um evento literário promovido pelo PBMIH (Português Brasileiro para Migração Humanitária), projeto de extensão do curso de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O objetivo da iniciativa é promover reflexões sobre as questões migratórias por meio da literatura.

O projeto, coordenado por João Arthur Pugsley Grahl, professor de Letras da UFPR e coordenador do PBMIH, e por Carla Cursino, jornalista e

Dialecte de cyclone Frankétienne

Chaque jour, j'emploie le dialecte des cyclones fous.

Je dis la folie des vents contraires.

Chaque soir, j'utilise le patois des pluies furieuses.

Je dis la furie des eaux en débordement.

Chaque nuit, je parle aux îles Caraïbes le langage des tempêtes hystériques. Je dis l'hystérie de la mer en rut.

Dialecte des cyclones. Patois des pluies. Langage des tempêtes. Déroulement de la vie en spirale.

Fondamentalement la vie est tension. Vers quelque chose. Vers quelqu'un. Vers soi-même. Vers le point de maturité où se dénouent l'ancien et le nouveau, la mort et la naissance. Et tout être se réalise en partie dans la recherche de son double, recherche qui se confond à la limite avec l'intensité d'un besoin, d'un désir et d'une quête infinie.

Des chiens passent – j'ai toujours eu l'obsession des chiens errants – ils jappent après la silhouette de la femme que je poursuis. Après l'image de l'homme que je cherche. Après mon double. Après la rumeur des voix en fuite. Depuis tant d'années. On dirait trente siècles.

La femme est partie, sans tambour ni trompette. Avec mon coeur désaccordé. L'homme ne m'a point tendu la main. Mon double est toujours en avance sur moi. Et les gorges déboulonnées des chiens nocturnes hurlent effroyablement avec un bruit d'accordéon brisé.

C'est alors que je deviens orage de mots crevant l'hypocrisie des nuages et la fausseté du silence. Fleuves. Tempêtes. Éclairs. Montagnes. Arbres. Lumières. Pluies. Océans sauvages. Emportez-moi dans la moelle frénétique de vos articulations. Emportez-moi ! Il suffit d'un soupçon de clarté pour que je naisse viable. Pour que j'accepte la vie. La tension. L'inexorable loi de la maturation. L'osmose et la symbiose. Emportez-moi ! Il suffit d'un bruit de pas, d'un regard, d'une voix émue, pour que je vive heureux de l'espoir que le réveil est possible parmi les hommes. Emportez-moi ! Car il suffit d'un rien, pour que je dise la sève qui circule dans la moelle des articulations cosmiques.

Dialecte des cyclones. Patois des pluies. Langages des tempêtes. Je dis le déroulement de la vie en spirale.

Dialeto de furacões Trad. Emerson Pereti

Todo dia eu uso o dialeto dos lunáticos furacões

Digo a loucura dos ventos que assolam

Toda a tarde eu uso o patoá das chuvas furiosas

Digo a fúria das águas nas inundações

Toda a noite eu falo com as ilhas do Caribe na língua das histéricas tempestades. Eu digo a histeria dos oceanos em cio.

Dialeto dos furacões. Patoá das chuvas. Linguagem das tempestades. Desenvolvimento da vida em espiral.

Fundamentalmente a vida é tensão. Em direção a algo. A alguém. A si próprio. Ao ponto de maturidade onde se desençam o velho e o novo, a morte e o nascimento. E cada ser se percebe em parte na busca de seu outro, a busca que se funde com a intensidade de uma necessidade, um desejo, e uma procura sem fim...

Cães passam – eu sempre tive a obsessão dos cães errantes –, eles latem seguindo a silhueta da mulher que persigo. Seguindo a imagem do homem que busco. Seguindo meu duplo. Seguindo o rumor das vozes

em fuga. Faz tantos anos. Diríamos trinta séculos.

A mulher partiu, sem tambor nem trompette. Com meu coração desacordado. O Homem não me estendeu a mão. Meu duplo está sempre na frente de mim. E as gargantas deslocadas dos cães noturnos gritam terrivelmente com um barulho de acordeão quebrado.

É então que me torno tempestade de palavras cavando a hipocrisia das nuvens e a falsidade do silêncio. Rios. Tempestades. Raios. Montanhas. Árvores. Luzes. Chuvas. Oceanos selvagens. Levem-me para a moela frenética de suas articulações. Levem-me! Basta um barulho de passos, um olhar, uma voz emocionada, para que eu viva feliz com a esperança de que o despertar é possível entre os homens. Levem-me! Pois basta um nada para que eu diga a seiva que circula na moela das articulações cósmicas.

Dialeto dos ciclones. Patoá das chuvas. Linguagens das tempestades. Eu digo o desenvolvimento da vida em espiral.

mestranda em Estudos Linguísticos, coloca em contato migrantes, estudantes e professores de Letras e leitores por meio de seu formato. Os migrantes auxiliam na seleção de poemas e outros gêneros literários com a temática da migração, refúgio e exílio; alunos e professores de Letras da UFPR traduzem os textos e apresentam suas versões para o público, que participa de um bate-papo conduzido pelos coordenadores.

Pitit Malere Georges Castera

Sa ou vle nèg-la fê?
 madanm-li ap pase rad,
 li minm l-ap pase tray
 pitit li kouche
 tou rèd tou plat
 kon nap joudlan.
 yon ti moun si zan
 tou chèchkò.
 wa di you bwadan
 seren fi-n souse,
 wa dj you vye chalimo
 fronmi ap pote ale.
 vwazinay koumanse sanble
 lan kay-la,
 yo chita lan plenyen :
 apa yè, mezanmi,
 ti nonm-la t-ap pase la-a...
 Hey! katye-a tankou
 you bout bra
 ki pa kenbe anyen.
 Maladi lan san,
 onnon maladi san non?
 – Non madanm,
 se grangou k-ap pote-l ale,
 maladi lamizè
 ki kanpe lan tout kay-la
 lan mitan tout bagay.

Sa ou vlé nèg-la fê?
 madanm-li ap pase rad,
 li menm l-ap pase tray,
 l-ap valse je fèmen,
 li pa konnen sa pou-l fè,
 li tankou you vye revèy
 ki rete sou midi:
 vant-li vid,
 bouch-li ap kimen.
 Li pa touche depi twa mwa,
 pitit-li kouche tou rèd
 epi-l tandè
 lantèman pou ka trè.

O filho dos pobres Trad. Carla Cursino

O que vocês querem que ele faça?
 Sua mulher passa a roupa
 Ele, ele passa e repassa
 pelo buraco de uma agulha
 Seu filho está deitado
 estendido, de barriga pra cima,
 como uma toalha de ano novo.

Uma criança de seis anos
 muito magra
 Parecia um palito
 que o orvalho da noite
 secou,
 Parecia um monte de palha
 levado pelas formigas.

Os vizinhos se reúnem
 dentro de casa
 e se sentam em meio às plantas:
 Não faz muito tempo, meus amigos,
 o menino passava por lá... Ai!
 A vizinhança
 é como um braço quebrado
 que nada pode segurar.

Será que ele tinha uma doença sanguínea
 ou uma dessas enfermidades desconhecidas?

– Não, senhora,
 foi a fome que o levou,
 essa doença miserável
 que se apodera das nossas moradas
 e que se esconde nos detalhes.

O que vocês querem que ele faça,
 este homem?

Sua mulher passa a roupa,
 ele, ele passa e repassa
 pelo buraco de uma agulha.

Ele move os olhos fechados
 Ele não sabe o que fazer
 Ele é como um relógio velho
 parado no meio-dia:
 Sua barriga está vazia,
 sua boca amarga e espuma,
 Nem um tostão já faz três meses
 Deitado, rígido e morto seu filho
 E vejam o que lhe repetem:
 «O enterro será às quatro.».

DEKMANTEL

sonhamos com m

Bowie – DJ: "I am a D.J., I am what I play / I got believers / Believing me".

Como apontou um texto no Thump, dois anos atrás: "É como Fabric mais Glastonbury multiplicados pelo conceito cristão de céu, ao quadrado. Na verdade, se Deus fosse um DJ, eles não o colocariam no Dekmantel, porque seria óbvio demais — eles o trocariam por Mano Le Tough, e pagariam muito mais a Mano".

No banheiro, não havia espelho, mas um quadro negro no qual se lia que "você está bonito hoje. você realmente precisa de um espelho?". Preciso, porra.

Vide Quantum Physics, compilado organizado Ken Wilber, com textos de Einstein, Max Planck, Heisenberg e Schrödinger.

O **RelevO** participou do Dekmantel 2017 – e ainda busca entender como. Representando o jornal literário mais consciente de sua nulidade em todo o hemisfério, frequentei os dois dias do festival holandês no Jockey Club, em São Paulo, e assim ofereço um relato pouco técnico sobre este inesquecível Rolêvo. O Dekmantel São Paulo foi a primeira edição do evento fora do país de Johan Cruyff, e a ela dedicamos as páginas centrais da edição de março. A ele também. Obrigado, Cruyff.

O Dekmantel, de significado "capa" em holandês (e, incredivelmente, "otário da astrologia" em amanaié), não carrega a fama de *mais um* festival de música, ou de música eletrônica – a credibilidade entre os acionistas do que é *legal de verdade o circunda*. As expectativas se fizeram altas quando a edição paulistana foi confirmada, e tão logo ratos de SoundCloud, fritos e demais entusiastas de drum machines não mediram esforços para comparecer em uma festa de reputação notável. Partindo da eficiência dos Países Baixos, onde a extensão da *electronica* abrange de idosos a torcidas organizadas, o festival vem acumulando notoriedade graças à variação de gêneros contemplados dentro do termo guarda-chuva em questão, isto é, música eletrônica.

Dessa forma, para eles não foi necessário investir tanto em divulgação. Na verdade, não tenho a menor ideia se essa informação procede – é possível que tenham investido calhamaços de euros em divulgação. Apenas presumo que o pessoal *antenado* não titubeou em frequentar o Dekmantel, ou ao menos visou aos primeiros ingressos – promocionais – para os dois dias, esgotados em cerca de 7 nanossegundos. O alto custo das entradas expandiu as expectativas de eventuais espectadores – exigia-se até R\$ 400 para dois dias, considerando que qualquer um

poderia comprar meia-entrada, esse benefício tão útil quanto uma goteira. As festas noturnas, uma por dia, ambas na Fabriketa, custavam R\$90.

Não fui capaz de dormir bem na sexta-feira e cheguei em São Paulo às 11 horas de sábado, ciente de que deveria descansar para me manter vivo até as seis da manhã, quando se finalizaria a primeira festa pós-festival. Por sua vez, os dois dias no Jockey tiveram o encerramento antecipado de 23h para 22h30 (na véspera!), graças a temores em relação ao som e demais cagaços burocráticos. Com outros dois amigos, me hospedei em um apartamento no Edifício Copan por meio do AirBNB. O local, muito bem decorado, pertence a um estudante de arquitetura muito simpático, cuja postura descolax não poderia ser mais caricata (vegano, vinil do Criolo, pó de café do Starbucks: o *pacote completo*). Almoçamos como se houvesse amanhã, e como se dependêssemos dele – afinal, precisaríamos seguir firmes por dois dias. Nos enchamos de comida em um desses estabelecimentos de São Paulo que servem pratos feitos, lanches e álcool a qualquer momento. Nos limitamos aos pratos feitos. Eram quase 14h, e o festival já havia começado. Passamos no apartamento e nos direcionamos ao Jockey em seguida.

Enquanto nos movíamos pelo metrô, veio a chuva. Um porralhal de chuva. Na saída da estação Butantã, humanoides lamentavam a dificuldade logística em seguir com a ordem da vida quando a água celestial não o permite, ao passo que carros se acumulavam em frente, por sobre a calçada completamente alagada. Os motoristas também lamentavam. Desistindo de ir a pé e ensopados da cintura aos pés, encontramos um táxi. A chuva ainda assustava quando chegamos ao Jockey – na entrada, porém, a organização distribuía capas para

o público. Não conhecia o local, e caminhei pelo estabelecimento para me familiarizar, carregando comigo a empolgação de quem dá seus primeiros passos em um evento promissor (e o alívio de retirar a credencial antes que a organização percebesse que o **RelevO** é um esquema de pirâmide comandado por Daniel Zanella). Enfim, eram quatro palcos, vários pontos de venda, diversos banheiros e uma praça de alimentação considerável. As distâncias entre eles, todos os eles, nunca se tornava inconveniente.

Algum tempo depois da ambientação, quando me dei conta, já estávamos todos no palco principal acompanhando a apresentação de Nina Kraviz, russa (e dentista de formação) que havia passado por Curitiba no dia anterior. Na verdade, é provável que ela ainda conduzisse as caixas de som no momento em que eu acordava para ir ao aeroporto. Seu som, via de regra pesado, ainda não nos era assimilado por completo. Já eram 18hrs e alguma coisa, mas estávamos molhados (hehehehe) e um tanto estupefatos. Nos movemos ao palco UFO, estreito e mais escuro – semelhante ao setor de um prédio onde se localizam os botijões de gás. Aurora Halal, que eu, sujeito pouco instruído, desconhecia, *torava o pau*. Entre a potência e a existência, entre a essência e a descida, entre o desejo e o espasmo, ali, meu amigo, a vida bateu. Eu entrei.

Para sentir que a vida vale a pena quando diante de techno em um volume muito alto, pois, é necessário imergir – o que certamente vale para qualquer show, leitura ou rodada de Banco Imobiliário, mas que a ocasião faça a especificação. Em uma ocasião

dessas, portanto, e permite a condução parte do DJ, ou es um punhado de b que não te levam como em qualquer ou rodada de Banco a estratégia de ap parte de cada ind se encher de subs ou não usar nada de substâncias div da vida e desbrava conta própria. A está lá para ser en qual com seu cam tantas pessoas não com o modus ope por acaso; como que sentem tanto fritar. Adiciona-s do descompromi a ignorância não encarar da exper precisa estar atua *músicas* seleciona espontânea há vi isso basta.

Não me estende valor da dança, de demais ligações e – certamente há u de sociólogos com fundamentadas q alguns deles até le que, do guru mais ao universitário q descobrir a macor místicos acontec *formas*, e o cenário por festas de mús tende a impulsio de experiência. O efeitos visuais estã para te tirar de lá. estreito Palco UFO a repensar aquela Permanecemos di de Halal e retorna

êvos

TEL 2017: Melodias elétricas?

ou você mergulha
ção xamânica por
cuta com barreiras
atidas e melodias
a lugar algum. E
er show, leitura
co Imobiliário,
recriação estética
ivíduo: você pode
tâncias diversas,
ou ter se enchido
versas ao longo
ar o caminho por
estética, enfim,
ncontrada, cada
minho. Fato é que
o se encantam
erandi eletrônico
não é por acaso
o prazer em
e a vantagem
sso, dado que
desestimula o
iência. Você não
ilizado com as
adas – a resposta
r do seu corpo, e

ria quanto ao
o transe e a
ntre esses campos
um punhado
n observações
quanto a isso,
gíveis. Acontece
s experiente
ue acabou de
nha, encontros
m de **diversas**
o proporcionado
ca eletrônica
ar esse tipo
escuro e os
o lá, afinal,
E no escuro do
O, eu começava
existência.
ante do som
mos para

Nina Kraviz, quando o universo
passou a fazer mais sentido. Ao
encerramento de seu set, estávamos
convencidos de que o festival seria
de fato extraordinário. E aí entrou
Jeff Mills, uma aberração celestial.
Nas duas horas em que **Mills**
esteve corporificado – ou quase
isso, porque era quase impossível
enxergá-lo no palco –, sua música
foi o princípio pelo qual tudo viria
a ser. Eu sequer conseguia dançar,
e me limitava a passos anestesiados
que cultuavam aquele **momento**.
Ciente de termos presenciado algo
extraordinário, nos dirigimos à
Fabriketa, no Brás, para o restante
da noite. A fábrica abandonada
dispunha de mais três palcos –
todos muito envolventes – e outros
tantos banheiros e bares, que
dificultavam a missão de reclamar
de alguma coisa. Aproveitei
Veronica Vasicka parcialmente,
enquanto tirava um pouco o pé do
acelerador. Quem fez valer a noite
foi o ucraniano Vakula, que nos
tinha na mão enquanto transitava
entre universos musicais com a
naturalidade de quem caminha
no parque. Ben Klock, a atração
principal, satisfez aqueles que
aguentaram até seis da manhã.
Eu passei a última hora já
agasalhado, no banco de reservas.
Voltamos de metrô e dormimos
devastados de cansaço.

Acordamos e nos enrolamos
por horas, até que todos estivessem
devidamente reabilitados. A cabeça
doía, a barriga doía e as pernas
sentiam ciúmes por seu cansaço
não ser lembrado. O cenário se
tornou mais otimista após almoçar
um omelete gigante no Estadão.
Conversávamos pouco. Chegamos
mais tarde do que gostaríamos, mas
ainda em plena luz do dia. Poucos
passos lá dentro desativaram a

fadiga, e tão logo estávamos
alegres feito cães novamente.
Não foi necessário muito
esforço.

Via de regra, um festival
funciona quando não
quebra o pacto de hiper-
realidade com seu público.

Da Cerimônia do Fogo Novo
asteca à Festa da Colheita de
qualquer lugar com uma festa da
colheita (no caso, basicamente
qualquer lugar), importa se sentir
imerso em um contexto real –
mais real que o real, inclusive –
embora ausente de certos pontos
comuns ao que consideramos
real, como compromissos no
dentista, departamentos de RH
e cartórios. Nesse aspecto, não
encontrar problemas logísticos
interfere diretamente na imersão
individual, e a produção sempre
carrega a confusa função de
se fingir inexistente. Filas para
consumo e banheiros inutilizáveis,
por exemplo, costumam levantar
problemas capazes de cortar
a experiência hiper-real, dado
que meia hora de espera por
uma cerveja não é divertido ou
memorável, mas tão somente
maçante e, portanto, real. Ao pagar
por um ingresso, ninguém quer
lembrar da fatura do cartão – ao
menos não durante o evento, seja
ele qual for –, enquanto momentos
reais trazem consigo uma
matemática inerente de “e eu paguei
caro por isso”. No que tange à hiper-
realidade, o Dekmantel beirou o
impecável. Você não gastaria tempo
para comprar água ou urinar. Os
banheiros químicos tinham álcool
gel, higienizador sanitário e espelho.
Parecem detalhes, mas são os traços
pequenos que fazem o Show de
Truman rodar.

Essas vantagens, enfim,
permitem que o público consiga
se concentrar na música e cumprir
seu objetivo de nela *entrar*. Às
vezes – muitas vezes – torna-se
virtualmente impossível desfrutar
a apresentação de um DJ em uma
balada graças ao movimento

das pessoas, que transitam
sem parar, ou à falta de espaço,
ou às conversas ininterruptas
sobre assuntos diversos. Essa
produção invisível permitiu
que tudo fluísse naturalmente:
nenhuma ponderação logística
cutucava o público enquanto a
experiência do festival se fazia
presente. A existência novamente
se fez extraordinária no fim da
tarde, quando Fatima Yamaha
iniciou o processo de sofrimento
por antecipação. O holandês –
que não é um Yamaha, muito
menos uma Fátima, mas um
entre vários pseudônimos de Bas
Bron – tirou o máximo de seu
live set, acompanhando a bela
transição de cores que se punha
no céu. Ben UFO e Joy Orbison já
conduziam uma bela pancadaria
no palco Selectors quando John
Talabot apareceu. A essa altura,
destacavam-se a lua e os trovões
longínquos, e Talabot surpreendeu
aqueles (desavisados, como eu)
que esperavam uma atmosfera
mais tranquila – suas duas horas
foram intensas, exponenciando o
sofrimento por antecipação que
Nicolas Jaar viria a promover.
Seu show foi a despedida ideal
para aquela sucessão de eventos
extraordinários. Os trovões,
agora acompanhados pelas luzes
dos prédios, ganhavam cada vez
mais atenção naquela escuridão
definitiva. Aviões sobrevoavam a
região, e nos perguntávamos o que
seria visível de dentro deles. Jaar,
americano cheio de **influências**
latinas, expunha o melhor de uma
já respeitável discografia, e nós
lamentávamos a proximidade do
fim. Nos perguntávamos sobre
o que acontecia, o que havia
acontecido e o que viria a acontecer.
Entre a potência e a existência, entre
a essência e a descendência, tomba
a sombra: Nicolas Jaar cortou o
som, ou foi cortado, e assim o
Dekmantel acabou – não com uma
explosão, mas com um suspiro.
Semanas se passaram, e ainda
tentamos viver nele.

Perguntado pela House
Mag sobre qual é seu
instrumento favorito, Mills
respondeu "livros".

“Parece que estou
tentando lhes relatar um
sonho... esforço em vão,
porque nenhum relato de
sonho pode expressar a
sensação do sonho.”

As tracks, argh.

Seu pai é o arquiteto e
artista chileno Alfredo Jaar.

Asfalto quente

Gustavo Martins

Parou à beira da estrada. Sol a pino. Olhou para os lados devagar. Nenhum movimento suspeito. Nada de ameaçador. O asfalto quente e áspero judiando da sua barriga. Já estava habituado. Eriçou a calda pronto para se projetar numa corrida que poderia ser a última da sua vida. Era sempre assim.

* * *

Viagem longa, entediada, e o que é pior: não vendeu quase nada. Meio-dia, calor abafado na estrada. Muito sono. Liga o rádio, só música sertaneja. A imaginação distraída vagando por algum road-movie da adolescência, histórias cheias de emoções, sempre uma linda vagabunda pedindo carona com as pernas de fora. O porta-mala cheio de calcinhas, sutiãs e camisolas, e nenhuma mulher para vestir. Vendedor de lingerie no interior, o que um homem não faz para sobreviver.

Louco para chegar em casa, ligar a TV, tomar um bom banho, uma cervejinha e comer porcaria. Fim de curva, retomou a velocidade quando um lagartão atravessou a pista. Acordou de supetão ao desviar do bicho por puro reflexo. Azar do carro. A roda bateu com tudo numa panela do acostamento. Por pouco não capota. Desceu ainda trêmulo para checar o estrago. O maldito lagarto estava parado na beira da estrada, observando.

A ponta de eixo quebrou, a roda quase caiu. Sozinho numa estrada vazia como aquela.

* * *

Sorte ter nascido lagarto. Aquela região era boa para ele. Não faltava comida nem bons esconderijos. A única coisa que não agradava era atravessar a estrada. Estava até agora se recompondo do susto. Tinha quase atravessado a maldita quando um carro

surgiu do nada vindo em sua direção. Não sabe como sobreviveu. Talvez por ser réptil, judiado, a natureza resolveu compensar. Ainda não chegou sua vez. Estrada desgraçada.

* * *

Sem água, sem comida. Devia é pegar um pedaço de pau e estourar aquele lagarto desgraçado. Calor infernal. Nada de sombra de árvore por perto. Nenhuma casa até onde a vista podia alcançar. O último posto havia passado há mais de uma hora. Dentro do carro estava um abafado insuportável. Melhor o sol e a brisa. Pegou uma das sacolas de calcinhas no porta-malas e sentou nela, para o lado do acostamento, improvisando uma almofada. O jeito era esperar.

Cochilava quando um carro igual ao seu, da mesma marca, branco também, passou em altíssima velocidade. Levantou e, aos pulos e urros, fez sinal. Nada. O carro sumiu.

Já estava sentado de novo, agora para o lado da estrada, preparado para o caso de aparecer alguém, quando uma caminhonete fez a curva e parou atrás do carro. Dava para vislumbrar através do para-brisa uma mulher de chapéu de vaqueiro e cabelos longos, loiros e revoltos. De repente, até rola alguma coisa, pensou. Ela acelerou e tocou a caminhonete na traseira do carro dele. O impacto projetou o vendedor de lingerie e o saco em que estava sentado para a pista. Ele aterrissou com a boca no asfalto. Sentiu gosto morno de sangue. Ela desceu da caminhonete e chutou sua nuca.

* * *

Existem os animais benditos e os malditos. Ele se considerava maldito. Sabia que era feio e que, mesmo não sendo de grande porte, fugiam dele por repugnância. Antes, quando viu

o homem gordo descendo do carro, sudorento, arfando feito cachorro velho, teve vontade de avançar e estraçalhar a cabeça dele a dentadas. Mas não era o Godzilla.

Não entendeu porque o gordo estava agora no chão feito réptil se arrastando enquanto uma mulher espancava sua cabeça. Talvez ele e o gordo tivessem algo em comum.

* * *

Ela bateu mais, e com muita violência. Quase desacordado, o vendedor viu de relance as lingerie espalhadas pela estrada. Pensou na morte e no ridículo de apanhar pela pessoa do outro carro, aquele que passou antes e era igual ao dele. Como ela podia ser estúpida a ponto de cometer um erro tão grave. Tentou falar, mas não conseguiu: maldito lagarto.

* * *

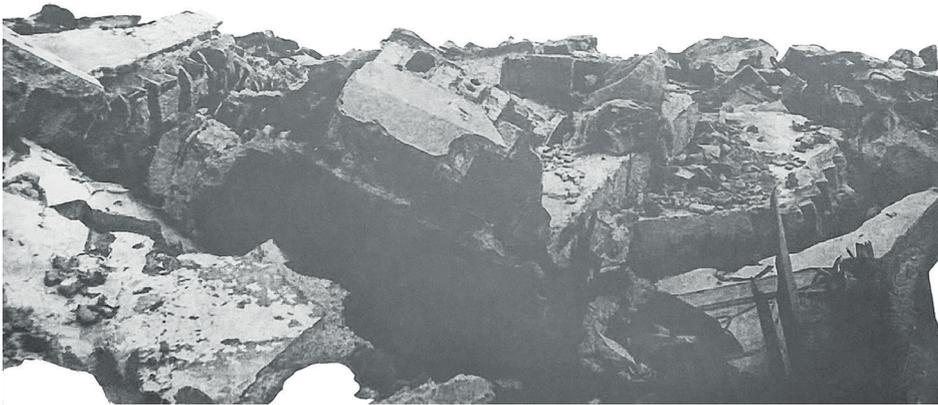
A caminhonete foi embora, levando a vaqueira de cabelos dourados. O lagarto se aproximou do gordo, que mantinha os olhos fechados e respirava com dificuldade. Pisoteou o sangue que coagulava na pista, desviou das peças de lingerie espalhadas. Com uma dentada rápida e certeira arrancou um pedaço da orelha do homem desmaiado. Afastou-se satisfeito, passos leves e rápidos, pequenas pegadas vermelhas no asfalto. Num movimento brusco, engoliu a massa de carne e cartilagem. Sentiu um prazer imenso.

Outro carro passou e não parou. Em pânico, o lagarto fugiu se atrapalhando com uma calcinha preta enroscada no corpo. Logo se livrou dela. Como entender os homens? Não via lógica em desperdiçar um banquete farto como aquele rendido no asfalto quente.

Paisagem-lugar

Elaine Stankiewich

*[contemplar,
uma paisagem ou um pensamento]*



Falésias III, litogravura, 2015



El cielo al revés I, fotografia, 2015

1. Falésias

I.
Percorrer um espaço, soerguer sobre o muro, adentrar neste território para então criar formas e estabelecer afetos. Não marcamos o tempo ali (não sei se era maio ou outubro), o tempo ficou suspenso. As falésias decantaram-se, menos viçosas as pedras agora, o cenário encontra-se mais desolado.

Jaboticabeiras em meio aos escombros; logo à frente um muro precário, uma construção de teor envelhecido; silhuetas em segundo plano.

II.
definir curvaturas
passagem crua,
falésias pertence a terra.

2. Fragmentos de espaços

I.
espaço fragmento,

falhas falésias
camadas
sedimento
pedra,

dobras
escrituras tempo.

II.
deslocamentos
lineares

planos
da cor da paisagem.

III.
fragmento, fração, vestígio, extrato,
resto, sedimento, fissura, cissura.

3. Percurso

I.
mapear lugares
em práticas de espaço,

encontro
com lugares de passagem,
cartografias urbanas.

II.
paisagens
em pequenos espaços de tempo

territórios horizontais,
abismos no tempo.

4. Presença

I.
presença,
planos de invenção

relatos de paisagem,
paisagens construídas
paisagens imaginadas

fronteiras
contínuas.

II.
a presença de uma paisagem
paisagem sugerida
véu
redobrando véus.

III.
proposições de paisagens
convocar a paisagem
distanciamentos percebidos

extensão vertical e horizontal
assinar
simular a paisagem.

Hora do Rush

Pilar Bu

e deixamos tudo outra vez
 como se não houvesse sonhos
 como se não houvesse medo
 como se não houvesse nada
 quisera eu que as cores da cidade
 se convertessem em pó
 quisera eu que as saias das meninas
 não parassem de rodar
 quisera eu que os carros em balé
 não ficassem nunca no mesmo lugar
 e eu observando tudo de cima
 vejo o prédio mais alto
 poderia ser o último voo
 mas como estou cindida
 resolvi não pular.

mucosa

Liv Lagerblad

falar de conchas que alinhavam-se à lua :
 um deus mexicano da tempestade alardeava seu cordão de conchas
 junto a jugular como um signo daquilo instável das águas e da lua
 a concha como o signo do feminino, do sexo : o caracol : as ostras : a pérola
 depois a pérola como embrião e como a delicadeza :
 que o capital como deus trago em joia rara porque
 difícil e bela
 mas antes : na china a pluma de pavão e a concha
 e a lua como signo do yin :
 ele o princípio feminino
 e antes ainda espalhadas
 as virtudes mágicas de moluscos e ostras
 as conchas participam da sacralização da lua
 ao mesmo tempo que prolongam as forças aquáticas
 e a ostra gera-se sem o macho : gera-se do incômodo
 de um grão de areia na boca mucosa da ostra
 a pérola : conserva toda a força yin da ostra
 que se embebe desse feminino ardido pra gerar
 da energia cósmica feminina, lunar e úmida
 yin úmido como as mucosas
 as águas que a lua coordena
 e então diziam na china que o excesso de yin ativo
 num canto qualquer que se faça
 exaspera o instinto sexual feminino
 erguem-se já as dervixes derretidas e languidas
 induz que <<as mulheres lascivas pervertam os homens>>

Subida aos céus por meio da percussão

Felipe Gollnick – do Defenestrando

AS PAREDES ESTÃO TREMENDO. O TETO ESTÁ BALANÇANDO! O CHÃO ESTÁ RACHANDO! SÃO OS DEUSES QUE ESTÃO VINDO AÍ! OU É O DIABO? Você está condenado! Algum espírito tomou posse do seu corpo por completo e tudo o que você pode fazer é dançar com movimentos que você nunca imaginou que seu corpo seria capaz de realizar! Fosse na Idade Média ou numa igreja neopentecostal, você estaria condenado à FOGUEIRA e AO INFERNO, seria excomungado, mas, felizmente, você está na vida real e ouvindo o som da Souljazz Orchestra.

Mais especificamente, a música *Ya Basta*, do álbum *Solidarity*, lançado em 2012. A Souljazz Orchestra é uma banda de Ottawa, no Canadá – mas também não, porque ela é claramente uma banda do mundo (pense em Manu Chao ou Gogol Bordello: eles começaram em algum lugar, mas são do mundo todo).

Em *Ya Basta*, as guitarras estão explodindo, o baixo está te hipnotizando e a percussão está abrindo um caminho para os céus. Um dos vários vocalistas da banda grita: “Imperialismo?” Um coro responde: “*Ya Basta!*”. E, assim, nós seguimos:

“Colonialismo? *Ya basta!*
Fascismo? *Ya basta!*
Despotismo? *Ya basta!*
Corrupción? *Ya basta!*”

Você nem sabe. Você já é parte do coro e está dançando de um modo que nunca dançou. A Souljazz Orchestra entrou pelo seu rádio, tomou e você

nem viu. Nesse ponto, a música já está no talo, a percussão explosiva já tomou conta de tudo, de cada espacinho do local em que você está, de cada molécula do ar que você respira, não há mais para onde ir ou para onde crescer.

EPA. NÃO. ESPERE AÍ. DÁ PRA CRESCER, SIM.

Por aquele caminho para o céu que fora aberto pela percussão, sobem agora os metais, que a cada dois segundos e 37 centésimos (ou um compasso) avançam de dez em dez degraus – cada degrau tem dez metros de altura – até chegarem ao firmamento. De lá, trazem *A Resposta*: é preciso resistir. E dançar. Dançar exatamente dessa maneira completamente impensável que os deuses do multiverso estão te fazendo dançar.

* * *

Essa é só uma das músicas de um dos discos da Souljazz Orchestra. São ao menos seis álbuns lançados desde 2007, cada um com seu caminho particular para o céu, para o inferno ou para o Lugar Impensável.

E o Lugar Impensável é... COPACABANA! A música *Cartão Postal* é a faixa que vem logo antes de *Ya Basta* no álbum *Solidarity* e que traça um perfil descritivo do que é a praia mais emblemática do Rio de Janeiro. Tudo isso cantado em ótimo português brasileiro – claro, claro, qual é a banda canadense que não tem uma música em português

sobre Copacabana?

O vocalista canta: “A praia, o sol, os gringos na areia...”. O coro responde: “Cartão postal de Copacabana!” E, assim, nós seguimos:

“Os condomínios, os hotéis e a vista da favela? Cartão postal de Copacabana!

A bossa, o samba, a banda não se importa? Cartão postal de Copacabana!

A cerveja, a caipirinha, a ressaca no outro dia? Cartão postal de Copacabana!”

Enquanto a banda volta com tudo (a percussão! a percussão!), após mais essa sessão de perguntas e respostas, você já está sentindo a areia entre os dedos do pé e está se perguntando se aqueles respingos de limão vão ficar marcados na pele. Ah, já ia me esquecendo: você ainda está dançando de maneira ininteligível. A Percussão baixou em você. Você incorporou a Percussão.

Quem estiver por perto e atento, poderá aproveitar a situação para pedir conselhos à Percussão. Se questionada, a Percussão, entidade plena, dará dicas sobre o que fazer da vida. Tome chá de marcela-do-campo para cuidar do estômago. Um banho com água fervida em casca de laranja para arranjar uma namorada. Não tenha medo, menino, a Percussão está aqui para te ajudar. Apenas respeite a Percussão.

* * *

O **RelevO** não se responsabiliza por quem ouvir o disco *Solidarity* sozinho em casa.

a mar

Cristina Bresser

os franceses chamam o mar de la mère: é feminino. ressaca é tpm. calmaria é noite de amor ardendo sob a lua. manhã seguinte é caco de estrela na areia – sobras da farra sideral. mar é a mãe que aquece, águas ondulantes. na praia, o tempo desacelera, amornado pelo calor, alguma brisa marinha.

caminhando com dificuldade na beira da mar vem gênio, vendedor de amendoim. anda na ponta do pé esquerdo para compensar os centímetros a mais da perna direita. leva uma cesta carregada de doces e salgados. há muito criou calo nos ombros, mas ano vindouro vai conseguir se aposentar. ele vai sentar na areia e tomar cerveja.

jane, a vendedora de sorvetes, tem mais de setecentas músicas no playlist. quando passa por uma faixa de areia despovoada, aumenta o volume, porque tem de tudo nessa seleção, inclusive rock and roll.

natália, a quituteira, braços cansados de carregar o cesto de frituras por trinta anos na praia. hoje passa acompanhada da neta, mas é ela quem empurra o carrinho novo. a menina segura uma sombrinha na mão esquerda e digita no celular com a direita.

marcos foi proibido de voar por aqui. teimoso, finca sua biruta na areia e decola com o para-motor. de cima, observa cardumes invisíveis aos pescadores, um segredo entre o homem-pássaro e a mãe-mar.

enquanto isso, nós, os banhistas na areia, protegidos por cogumelos coloridos de lona (o meu, um cogumelo-corcunda, entortado pelo vento de outros tempos), passamos os dias observando maria-farinhas e dando sombra aos cães sem-teto, os capitães da areia. assim que amanhece, eles se esbaldam nas águas do riozinho que desemboca na mar. correm, rolam na areia e latem, mais um dia de vida no verão.

Cafeína

Luiz Fernando Huf

O gosto amargo do teu corpo
Ficou na minha boca
O dia todo.

E quando a luz se desfez
Enchi-me de você
Outra vez.

A Flanada

Lui Wolff

Esses dias estrolei pelo centro, mais uma flanada de sempre. Meu paletó de flanela tricolor mostrava a língua para todas as pessoas que cruzavam os olhos por ele, e eu absorvia as línguas das que passavam por mim. O mais interessante foi um cara que gritava em dinamarquês com os olhos, mas alguns anos atrás no mesmo espaço de tempo eu teria encontrado bem mais dinamarqueses (no século nove, por exemplo), ou ao menos três tias de como você cresceu nas quais a sopa crescera no cérebro e a boca começara a repetir mantras da inutilidade além da intervenção de qualquer pensamento, dois radicais vestidos de preto e vermelho com coturnos de pelica e um demônio das margaridas. O padrão anda absorvendo mais gente nas últimas eras.

Era uma sexta-feira, dia de extraterritorialidade, e os lampiões acenderam cedo – lembro-me bem dos lampiões acendendo cedo porque os lampiões são a coisa mais oitocentista nessa cidade Jaime Lerner e eu gosto desse estilo. Fosse em Happy Harbor, as ruas teriam nomes republicanos e independentes cheios de símbolos de camisa social com a gola levantada e pince-nez, estátuas monumentais iluminatti, ancien burgeoise e sua bandeira de liberdade simbólica, mas aqui os anos setenta cavaram fundo na carne curitibana, e a era Yeltsin na Rússia brasileira só jogou os tormentos de Damians nas chagas que, convenhamos, são lindas à sua maneira de concreto exposto. Concreto exposto, a carne que se expõe pela beleza, é honesto, mais honesto que religião e muito mais honesto que amor vício.

Iluminaram o mosaico. Os abismos nas entpedrinhas se estenderam e escureceram, e as pedras mais altas castaram sombras cortinas que confundiram o desenho: uma mandala paranaense, um círculo de pinhões negros num campo encardido. Era ali, o local ideal para se reunir uma dúzia de autistas e acender um fogo urbano, fogo-fátuo da modernidade em reuniões de irmãos mendicantes. Seja num latão ou ao ar livre, a selva

de concreto não gosta de fogo, por isso não gosta muito de mim, acho. Queimo partes da selva gratuitamente, pedaços de publicidade, anúncios de golpistas e cartomantes, folhetos de sexo, pombas, índios pataxó e lenha de imbuia: amor e ódio em cada canto entre o homem e o não-homem, a cidade e a não-cidade, a cidade e o homem. Inflamar não é sempre destruir, ao menos não completamente.

Alguém tentara desenhar uma suástica num pedestal de concreto (a suástica tinha dois tornozelos deslocados e mais lembrava o ventilador de metal que me esfriara na infância, quadrado e fora de seu tempo). Outra pessoa escrevera algo seguido de "fafela", o tornozelo deslocado da desobediência civil. Uma floricultura muito, muito ruim veio e passou, e quando cheguei às floriculturas melhores o preço já havia subido muito (seis reais por uma rosa? Já foi mais acessível espetar-se simulando atração). Quis um café. Poderia tomar um café ruim a preço médio, médio a preço baixo ou bom a um bom preço. Resolvi fumar, ignorando o vício filho pungente e alimentando o que estava quieto.

À minha frente desenhou-se um cigarro gigante: um elefante branco, de mil e novecentos, clássico e neoclássico num soco de estilo ruim (a polícia fashion conhecemos, mas onde estará a polícia arquitetônica?), fermentado e destilado, verdadeira catuaba de pedantismo. Não que só de decepção fosse a visão, nem só de amor – era um excelente relacionamento, creio, extremamente abusivo, mas eu o aguentava e amava em medidas parecidas (a forma como a maior parte dos humanos ama). Não sei por que decidi, então. Talvez pela luz ou pelo vermelho na praça. Era o dia, achei, e fui procurar os pontos certos na estrutura óssea do prédio, os pontos onde havia madeira, papel, essas coisas de calor potencial. Se concordamos que há duas soluções para tudo – óleo desengripante e fita adesiva – adicionei ao rol, sutilmente, incêndios criminosos.

Em 43 edições e – descontando –, a newsletter Enclave (www.jornalrelevo.tumblr.com), subproduto intolerante à animais de pequeno porte do **RelevO's Corp**, publicou diversas listas sobre aquilo que julgamos essencial para uma boa convivência em feriados. Abaixo, ao lado e em decúbito dorsal, uma lista das nossas melhores listas, mas só das primeiras edições e de acordo com os critérios de nossos amigos e parentes que mandam correntes.

Títulos de álbuns citados em músicas dos próprios álbuns, mas não em faixas-título (como a palavra “Heroes” na música “Heroes”. Não como esse caso. Outro caso.)

- Public Enemy: It Takes a Nation of Millions to Hold Us Back, em ‘Party for your right to fight’
- Alt-J: An Awesome Wave, em ‘Bloodflood’
- Arctic Monkeys: Favourite Worst Nightmare, em ‘Dis for dangerous’
- Beastie Boys: Hello Nasty, em ‘Putting shame into your game’
- Built to Spill: Perfect From Now On, em ‘Randy described eternity’
- Interpol: Turn On The Bright Lights, em ‘NYC’
- Nas: Illmatic, em ‘Life’s a bitch’
- Nirvana: Nevermind, em ‘Smells like teen spirit’
- Radiohead: In Rainbows, em ‘Reckoner’
- Radiohead: Hail to the Thief, em ‘2+2=5’
- Sonic Youth: Daydream Nation, em ‘Hyperstation’
- U2: All That You Can’t Leave Behind, em ‘Walk on’

Livros de Julio Cortázar com nome de posição sexual

- Octaedro
- Último Round
- Casa Tomada
- O Exame Final
- Divertimento
- As Armas Secretas
- Bestiário
- La Otra Orilla

Coisas e pessoas que confundimos

- George Orwell e Orson Welles;
- Caracteres e hectares;
- Piñata e piña colada;
- Cuscuz e hommus;
- Ohio e Idaho;
- Alexandre Garcia e Márcio Garcia;
- Jimmy Fallon e Jimmy Kimmel;
- Willie Nelson e Liam Neeson;
- Glória Pires e Glória Perez;
- Glória Perez e Perez Hilton;
- Perez Hilton e Paris Hilton;
- Marvel e DC;
- Granizo e Canisso (Raimundos);
- Gola e argola;
- Alecrim e arlequim;
- Elvis Costello e Rufus Wainwright;
- A\$AP Rocky, A\$AP Ferg, A\$AP Mob e a coisa toda;
- Roberto Medina e Bruno Medina;
- Fernando Fernandes e Rodrigo Rodrigues;
- Leslie Nielsen e Steve Martin;
- Cláudia Raia e Cláudia Ohana;
- Flávio Conceição e Marcos Assunção;
- Maurício Gugelmin e Raul Boesel;
- Gustavo Borges e Alexandre Borges;
- Leo Lima e Lucas Lima e Lucas Leiva e Lucas Lucco.

Jogadores de futebol com excelentes nomes para dramaturgos

- Antoine Sibierski
- Eugenio Corini
- José Quintanilla
- Olivier Giroud
- Jörg Heinrich
- Isaac Brizuela
- Demetrio Albertini
- Frank Leboeuf [esse virou ator mesmo]
- John Terry
- Matthew Le Tissier
- Toshihiro Aoyama
- Gianluca Zambrotta
- Krasimir Balakov
- Stéphane Guivarc'h
- Oxlade-Chamberlain
- Giorgio Chiellini
- Kléber Pereira

Disco do Iron Maiden ou livro do Nicholas Sparks?

1. Somewhere in Time
2. The Final Frontier
3. The Rescue
4. Nights in Rodanthe
5. A Matter of Life and Death
6. The Last Song
7. A Walk To Remember
8. The Book of Souls
9. The Longest Ride
10. Piece of Mind
11. Fear of the Dark

GABARITO

- 1, 2, 5, 8, 10, 11 - IM
3, 4, 6, 7, 9 - NS

Futebolistas com nome de Pokémon

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| - Cvitanich, | - Hasselbaink |
| - Lovenkrands | - Hesp |
| - Denneboom | - Jonk |
| - Lichtsteiner | - Kroos |
| - Pogba | - Ozil |
| - Salatiel | - Tasci |
| - Belfodil | - Boateng |
| - Mudingayi | - Kalou > Kuranyi |
| - Sivok | - Zenden |
| - Khumalo | - Konterman |
| - Inler | - Westerveld |
| - Behrami | - Havenaar > Huntelaar |
| - Crouch | - Ooijer |
| - Mitroglou | - Heitinga |
| - Samaras | - Doumbia |
| - Charisteas | - Lahm > Landzaat |
| - Khedira | - Jaliens |
| - Hangeland | - Boulahrouz |
| - Dhorasoo | - Shaqiri |
| - Belozoglu | - Kabungu > Kapllani |
| - Jedvaj > Januzaj | - Skrtel |
| - Kidiaba | - Candreva |
| - Tolo | - Tigana |
| - Mirallas | - Glik |
| - Benteke > Dembele | - Etcheverry > Etxeberria |
| - Overmars | - Pantilimon |
| - Obi > Obi Mikel > Obafemi | - Tsiartas > Tzavelas |
| - Cruyff | - Volkan |
| - Rep | - Lukaku > Kakuta |
| - Kluivert | - Taarabt |
| - Jongbloed | - Aogo > Arango > Alkorta |
| - Krol | - Kalac > Klasnic |
| - Strik | - Amorebieta |
| - Suurbier | - Gurpegui |
| - Haan | - Mertensacker > Metzelder |
| - Albiol > Albelda > Arbeloa | - Jankauskas |
| - Geels | - Balakov > Berbatov |
| - Trejtel | - Opdam > Obertan > Obraniak |
| - Lubse | - Voronin |
| - Poortvliet | - Benatia |
| - Ikpeba | - Bentaleb |
| - Brandts | - Conca > Kolkka > Okaka |
| - Cocu > Kanu > Yakubu | - Puncheon |
| - Bergkamp | - Gralak |
| - Mulder | - Cattermole |
| - Aboutrika | - Mondragon |

Geórgia

Fernando Antônio Fonseca

ao refazer as malas
 refaço também a memória
 [onde chegar e onde ficar]
 nos meandros deste rio
 impelido pelo ilimitado
 a presumir uma rota
 que não seja de todo tolice
 vislumbrar um olhar geômetra
 pela fechadura do portal
 que separa o céu da terra
 e cuja estelar configuração
 oculta os símbolos
 da vida e da morte velada;
 na superfície dos eventos
 a luz está aprisionada
 e deixa escapar somente
 partículas de matéria escura
 ah! se eu tivesse quem amar
 ou se deus não se importasse
 desfaria as malas desta memória
 e simularia similar sedução
 um hábil obstáculo translúcido
 a recompor minha sintética geórgia
 em versos de véspera
 no dia em que mirei-me no rio
 e seduzi a imagem pálida do sol.

contumaz réquiem dos vivos

Sebastião Ribeiro

- i. e chega o dia
 em que a lágrima
 ganha
 razão técnica
 expulsão prática
 precisão jurídica
- ii. mesmo a criação
 se possui lógica no consumo:
 todo caminho oferecido
 me legou direito
 a prazo de validade
- iii. eu sou o meão
 jamais remido
- iv. assim
 numa forma de terra
 a ser arada
 me sou também
 a relha
- v. eu sou
 o suco confuso
 na entranha
 do sapo
 que chuto
- vi. e chega o dia
 em que me ouço
 pela primeira vez:
 explodo
- vii. parte de mim
 dorme
 no gato ao lado
 da geladeira
- viii. outro lado
 se cala ao perfume
 de loção barata
- ix. certo pedaço
 sequer existiu
 mas corria descalço
 indiferente
 ao diabo que
 lhe carregava

Entre 1, 2, 3 ou 4

Cristina Judar

A gente é meio que uma testemunha do mundo. Sente, assiste, aprende. Pelas redes sociais, estabelece contatos antes inimigáveis, conhece gente interessante, faz alianças, parcerias. Tenho um projeto de livro-arte quase pronto, produzido em parceria com a artista visual Paula Mastroberti, alguém que eu dificilmente teria conhecido não fosse o Facebook. Isso e tantas coisas mais.

Mas, como tudo na vida tem vários lados, diante da aparente diminuição das distâncias e da economia de tempo que as redes nos oferecem, o pior, o desagradável, aquilo que corrói e entristece ainda tem força. O Ciberespaço está cheio de dejetos e velharias flutuantes – nele, coisas como assédio, a cantada sacana de calçada, o fiu-fiu desgastado das esquinas não só persistem, mas, pelas mentes e palavras engenhosas de seus emissores, são reinventadas. E, então, cá estamos nós, seres que se conhecem e se conectam pelas ondas da Internet, discutindo um assunto que nos circunda desde o tempo da pedra lascada.

Apesar dos avanços conquistados pelas mulheres e da nossa vontade e esforço para melhorar as relações e a forma como somos vistas, é fato que, para muitos homens – ênfase na palavra muitos – a mulher só pode ser encaixada em uma das seguintes categorias: (1) mãe, (2) filha, (3) esposa ou (4) caça. Tão grave assim

que já tive de romper relações com vários "amigos". Afinal, como eu não pertencia à categoria 1, 2 ou 3, não tive dúvidas sobre a única que me havia restado.

Um bom exemplo disso aconteceu há uns meses. Um rapaz, de um local distante, me pediu pra ser adicionado e, na sequência, passou a comentar as minhas postagens. Ele sempre usava um tom cordial, macio, falava sobre literatura, autores, contos, poemas. Até aí, tudo bem. Ele elogiava meus textos, dizia ter grande interesse em ler o meu livro, embora não tivesse grana pra comprá-lo. Continuava indo tudo bem. Depois de um tempo, mais confiante, passou a elogiar minhas fotos – em uma frequência capaz de detonar o sinal de alerta amarelo – e começou a mandar mensagens. Afirmava ser organizador de eventos literários e que, nessas ocasiões, eu, como convidada, deveria ficar hospedada em sua casa. De tempos em tempos, o camarada dava um jeito de tocar no assunto e reforçava a questão da hospedagem. Até que um dia pediu meu número de telefone. Não passei e aproveitei a deixa pra cortar relações. Isso tudo porque o Facebook é hoje, até mais do que eu gostaria, um dos meios mais ágeis e eficientes de divulgação do meu trabalho, o que não é novidade pra mim, nem pra ninguém. Já fui, sim, convidada pra eventos, marquei entrevistas, agendei atividades, reuniões, mil coisas, tudo

sem burocracia e de forma indolor. Só que, nesse caso, a coisa tinha, de uma vez por todas, ficado clara. Afinal, quem tem interesse no que eu escrevo dá um jeito qualquer de ler os meus livros. Não precisa do meu número de telefone, muito menos ter-me como hóspede. Até porque, convenhamos: no convívio pessoal, posso ser alguém desinteressante, o que não influencia, de forma alguma, a minha literatura.

Como esse homem, outros vieram, com exemplos parecidos ou não, mas que, de certa forma, sempre desaguaram na mesma confirmação de que o interesse real não era na minha literatura – ou não apenas nela. Em meios profissionais predominantemente masculinos, é comum perceber o alto nível de brodagem entre amigos e conhecidos; acredito que quase toda mulher esteja relativamente habituada a testemunhar isso no cotidiano, quando nos sentimos à parte desse universo tão solidário e colaborativo. Mas o que mais surpreende é como tantos ainda não conseguem (não querem?) abandonar essa visão da mulher como invariavelmente atrelada a alguma das quatro categorias citadas acima. Seja ela quem for. Ser mulher (e escritora), com certa ou nenhuma visibilidade, é caminhar num campo minado. Aliás, a gente já nasce num campo minado – e pior, sem treinamento ou equipamento de proteção.



Um revertério no estômago, essa ânsia
de espera, de longe, de nunca chegar-se
ver as notícias e achar tudo tão antigo...
A polícia fez uma limpa por aqui na madrugada
levou uma galera, sumiram com os traficantes.

(eu estaria louca, os nervos reverberando em anestesia e choque)

Mas eu tenho uma cavidade triste no terceiro molar inferior
que chora ao saber
da bala Juquinha
voltando ao mercado.

-

Acho que você chega. Aliás, há muito já chegou. Além de mim, outros
também acham(os). Seguro uma bigorna de desenho animado e não
morro. Tenho argumentos de sobra, uma coleção de bons motivos, cada
dia escolho um. Devolvo a bigorna e um piano de cauda caindo de um
andaime no décimo oitavo andar. Eu gosto de ROLA. mas depois de
tudo aquilo, não sei mais se rola. Porque eu tô dizendo. E alargador só se
for na minha pussy. Boina de oncinha, pode ser na minha amiga gay, que
eu amo tod@s. Quem disse eu não lembro, mas acho coca cola muito
mais canal. Se não tiver, pode ser Sprite. (que pepsi é intragável)
Sou ré confessa.

-

Então descubro que sou mitomaníaca.
De tanto repetir mentiras, já as considero verdades.
O fato é que não consigo discernir entre
o que aconteceu de veras e o que fantasiei.
Me taxaram de louca.
Malandra, perigosa, vaga.

O que não se encaixa nisso tudo é que tenho testemunhas,
gente viva, de carne e sangue
a confirmar minhas histórias
pois que, se comigo não estiveram
de alguma forma sabem

ou estão corroborando com as falácias
e negando minha loucura

ou, no pior dos casos, mantendo a linha:
'ela é doida, melhor não contrariar'

eu acho é graça.

Ana Farrah Baunilha